

CINEMA, GEOGRAFIAS E ENSINO¹

CINEMA, GEOGRAPHY AND EDUCATION

Thiago Albano de Sousa Pimenta²

Resumo: A Geografia, o ensino e o cinema fazem parte da nossa realidade social. Buscamos com este trabalho refletir sobre as possibilidades que o contato entre estas três esferas podem suscitar. Entendemos que a Geografia, enquanto campo do saber científico, é o nosso instrumental analítico, o que nos faz ler geograficamente o mundo que está nos circundando. O cinema é uma linguagem artística que possibilita reflexões, pensamentos, que podem ser articulados também pela linguagem geográfica. E o ensino, dentro do nosso trabalho, é a articulação didática das potencialidades que tanto a linguagem geográfica, como a linguagem cinematográfica, nos oferecem para melhor entendermos o mundo que nos circunda.

Palavras-chave: Geografia; Cinema; Ensino.

Abstract: Geography, education and cinema are part of our social reality. We seek with this work reflect on the possibilities that the contact between these three levels may raise. We understand that the geography, while scientific knowledge field, is our analytical, instrumental, what makes us read geographically the world surrounding us. The film is an artistic language that allows reflections, thoughts, which can be articulated by the geographical language. And teaching, within our work, is the joint teaching of the potential that both the geographical language, as the cinematic language, offer us to better understand the world around us.

Keywords: Geography; Cinema; Education.

Introdução

Este trabalho está relacionado às atividades de pesquisa realizadas no doutorado da pós-graduação de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Considerando que a pesquisa está em fase inicial, o trabalho versa sobre a proposta de estudo que estamos articulando, o diálogo com as leituras já realizadas e alguns resultados preliminares e questões que surgem desta atividade.

A nossa pesquisa propõe um diálogo entre Cinema, Geografia e Ensino. Buscaremos ampliar a reflexão sobre a Geografia e o seu ensino escolar, com o agenciamento das criações audiovisuais que possibilitam o olhar geográfico. Neste sentido estamos dialogando com

¹ Comunicação do trabalho apresentado no VI Seminário Internacional da América Platina em 2016.

² Doutorando da Pós-Graduação de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Professor/Coordenador do ensino básico da Rede Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: thiagogeo@yahoo.com.br

Cinema possibilidades distintas de articular os saberes geográficos. Muitas vezes os saberes acadêmicos se distanciam da prática pedagógica no ensino básico e aqui proporemos que a análise fílmica tenha um caráter pedagógico com a reflexão geográfica que traçaremos.

Cabe destacar que os anseios desta pesquisa nascem dentro de um questionamento sobre como as imagens, cinematográficas ou não, influenciam a forma como nos relacionamos com o meio em que vivemos. Em cima deste questionamento, percebemos também que a instituição escola (no caso brasileiro) ainda dialoga muito pouco com as linguagens que se utilizam das imagens, como no cinema, por exemplo.

E se as imagens são cada vez mais intrínsecas às relações humanas, também podemos questionar o fato de que a Geografia ainda relaciona de maneira escassa seus estudos com as criações audiovisuais. Entendemos que esta pesquisa pode contribuir para um diálogo mais próximo dos diferentes saberes, científicos, artísticos, e os discursos/linguagens que sistematizam suas derivações.

Metodologia

O levantamento bibliográfico será e está sendo o ponto inicial da nossa pesquisa. Pensamos em buscar leituras que englobem escritos sobre a arte cinematográfica, sobre as geografias, sobre filosofias, enfim leituras que possam suscitar pensares e devires sobre a proposta de pesquisa. Esperamos que as leituras possam nos jogar a caminhos não previstos, mesmo articulando uma proposta, criando caminhos metodológicos. Pensamos que se as leituras não jogam nossos pensares num abismo, num clarão, talvez a leitura não cumpriu aquilo que desejávamos. Desejamos aberturas, fugas, descaminhos, desterritorializações, para criarmos novas reterritorializações, sentidos e significados a partir da linguagem geográfica. Sobre a ideia de desterritorialização-reterritorialização de Deleuze e Guattari, Haesbaert e Glauco Bruce (2002, p.12-13) afirmam “O território é um agenciamento. Os agenciamentos extrapolam o espaço geográfico, por esse motivo o conceito de território dos autores é extremamente amplo, pois, como tudo pode ser agenciado, tudo pode ser também desterritorializado e reterritorializado.”

Já temos proximidade com Gilles Deleuze e Félix Guattari, as leituras das obras destes autores estão previstas na nossa pesquisa. Porém com os tempos, com as confluências, com os diálogos, queremos trazer outros autores, outros caminhos para a pesquisa.

Também faremos a leitura dos documentos oficiais que tentam nortear o ensino de Geografia. Neste sentido buscaremos no PCN, e nas ementas estaduais, os parâmetros de ensino que o Estado coloca, assim como analisar as orientações do Estado para a prática com as produções cinematográficas em sala de aula. Com base nestes documentos e na nossa proposta de pesquisa faremos um levantamento sobre os trabalhos, em eventos como o Encontro Nacional de Ensino de Geografia ou Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, que trazem experiências com as produções cinematográficas. Neste sentido iremos analisar os objetivos, tensões e identificações entre o proposto e o trabalhado, assim como estabelecer uma cartografia, a partir dos textos publicados pelos professores, da concepção de geografia, ensino e recursos audiovisuais.

Em outro ponto (que ainda não atingimos na nossa pesquisa), concomitante ao levantamento bibliográfico, iremos selecionar as algumas escolas e acompanhar os professores de geografia e suas práticas em sala de aula. Neste sentido, observaremos as criações cinematográficas que os professores utilizam nas suas práticas e acompanharemos o processo pedagógico. Aplicaremos um questionário (ver Anexo 1), faremos um levantamento dos filmes trabalhados e analisaremos segundo as perspectivas deleuzianas, e articularemos outras produções cinematográficas para pensarmos os potenciais de reflexão geográfica que estas criações suscitam.

Pensaremos numa seleção de escolas no município de Nova Andradina-MS, cidade de, aproximadamente, 50 mil habitantes, no leste do Mato Grosso do Sul, à aproximadamente 50 km da fronteira de São Paulo.

Também articulamos e articularemos análises sobre o cinema, como já destacamos, utilizando os referenciais teóricos como base para as análises. Gilles Deleuze e Félix Guattari serão os autores que mais dialogaremos nas nossas análises, ambos articularam um pensamento sobre a arte, e assim obras muito importantes que discutem a arte e as potências que ela carrega.

A análise fílmica das obras levantadas será o ponto que articulará os resultados da nossa pesquisa. Essa produção analítica tentará articular as potencialidades que tais obras manifestam, no sentido de ampliar o pensamento geográfico em uma sala de aula de ensino escolar. Cabe destacar que esta etapa da nossa pesquisa ainda não foi articulada e neste sentido estes resultados ainda não serão apresentados neste trabalho. Entretanto neste trabalho

articularemos a etapa inicial de levantamento bibliográfico e a discussão teórica que irá pautar toda a nossa atividade de pesquisa.

Discussões

Pensando o mundo atual e as suas geografias, observamos uma maior presença/confluência de produções audiovisuais. Esta presença está relacionada às inovações dos meios técnicos que evoluíram, abrindo outras possibilidades de criação, manuseio e contato com as criações de imagens. Do televisor ao computador, do telefone ao smartphone, da internet discada à internet de fibra ótica, os caminhos que traçamos nos colocam numa espacialidade imbricada de recursos tecnológicos que potencializam o uso e criação das cinematográficas.

Propomos aqui uma pesquisa que abra um diálogo com diferentes saberes. Uma leitura geográfica que não hierarquize, mas que multiplique as linhas do pensar, conectando com as díspares visões, seja a científica, a filosófica e, no nosso caso, principalmente a artística, como o caso do cinema.

Por isso destacamos que além dos limites entre as ciências, cada uma com seus territórios rígidos de conhecimento, devemos estar atentos para outros conhecimentos até aqui considerados numa hierarquia inferiorizante (como o caso das ciências humanas diante das ciências naturais; da filosofia e da arte diante da ciência) e, indo um pouco além, devemos atentar, também, para outros conhecimentos produzidos por outros protagonistas com outras matrizes de racionalidade. (GONÇALVES, 2002, p. 246)

Neste sentido, como Carlos Walter Porto Gonçalves indica, devemos estar atentos aos diferentes saberes. Dialogar com o cinema é buscar as potências da arte na sua força de suscitar o ato de pensar.

No campo “Reformulação de ensino e áreas do conhecimento” o Parâmetro Curricular Nacional (PCN) para o Ensino Médio nos coloca a importância de pensarmos novas práticas pedagógicas para as disciplinas escolares, englobando no currículo o que se chama no documento como “nova educação”, com o objetivo de atingir competências ligadas às disciplinas tradicionais ou não, como enfatiza o documento neste trecho:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

Os objetivos da nova educação pretendida são certamente mais amplos do que os do velho projeto pedagógico. Antes se desejava transmitir conhecimentos disciplinares padronizados, na forma de informações e procedimentos estanques; agora se deseja promover competências gerais, que articulem conhecimentos disciplinares ou não. Essas competências dependem da compreensão de processos e do desenvolvimento de linguagens, a cargo das disciplinas, e estas devem, por sua vez, ser tratadas como campos dinâmicos de conhecimento e de interesses, e não como listas de saberes oficiais. (BRASIL, 2000, p.12)

Neste sentido, o PCN reforça a importância de abertura para outras práticas pedagógicas, e isto tem haver com novas abordagens que possam utilizar saberes, como a arte por exemplo. Porém não deixa claro como poderia ser articulada esta “nova educação” na Geografia, mesmo reforçando uma educação com base numa tríade “estética-política-ética”.

Ao fazê-lo, o documento reinterpreta os princípios propostos pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, da UNESCO, amparados no aprender a conhecer, no aprender a fazer, no aprender a conviver e no aprender a ser 5. A **estética da sensibilidade**, que supera a padronização e estimula a criatividade e o espírito inventivo, está presente no **aprender a conhecer** e no **aprender a fazer**, como dois momentos da mesma experiência humana, superando-se a falsa divisão entre teoria e prática. A **política da igualdade**, que consagra o Estado de Direito e a democracia, está corporificada no **aprender a conviver**, na construção de uma sociedade solidária através da ação cooperativa e não-individualista. A **ética da identidade**, exigida pelo desafio de uma educação voltada para a constituição de identidades responsáveis e solidárias, compromissadas com a inserção em seu tempo e em seu espaço, pressupõe o **aprender a ser**, objetivo máximo da ação que educa e não se limita apenas a transmitir conhecimentos prontos. (BRASIL, 2000, p.8)

No que tange o interesse da nossa pesquisa, as aproximações com o cinema, observamos que o PCN coloca a importância, como no caso do princípio estético citado no trecho, mas de maneira geral, ou seja, quando observamos nas áreas específicas das disciplinas, na parte de Geografia os temas e conceitos recorrentes são - espaço geográfico, globalização, território, lugar, paisagem, escala – nenhum relacionado diretamente com imagens, audiovisuais ou mesmo cinema.

Mesmo tendo base legal com a Lei nº 13.006³ que obriga exibição de filmes de produção nacional nas escolas de ensino básico, os parâmetros do currículo brasileiro não trazem de forma direta a utilização das produções cinematográficas na Geografia, podemos

³ Acessado em 29/12/2015 às 15:37: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm

nos auxiliar nas formas indiretas que o documento oficial levanta sobre a importância de novas abordagens pedagógicas (amparado pela lei federal), se relacionando com maiores aberturas dos saberes das disciplinas tradicionais à outros saberes (como a arte). Também podemos nos apoiar numa das pontas das três dimensões reforçadas no PCN (estética-política-ética), a estética. O que não devemos negar é que as imagens hoje tem uma mediação cada vez maior sobre as relações sociais e, neste sentido, devemos pensar e analisar as suas potências no ensino.

A confluência entre imagens e sons e pessoas e ideias e memórias e afetos, faz do mundo o mundo que está mudando permanentemente na sua iminência. O e.e.e.e.e, que emprestamos da ideia de Deleuze e Guatarri (1995), não vem para, como uma vírgula, separar e cortar, mas como uma somatória rizomática, múltipla de sentidos, coisas e não coisas, enfim, confluências/conexões que nos moldam e desmoldam.

Entretanto, não estamos aqui pra vangloriarmos este contexto de surgimento de novas tecnologias e da multiplicação de produtos audiovisuais, de forma empolgada e acrítica, pelo contrário, queremos observar como a profusão dos conteúdos audiovisuais produz espacialidades e novas relações sociais.

O excesso de informação está na quantidade abundante de informação disponível: são vários filmes, várias emissoras de TV, várias revistas, sites, produtos... E, este excesso tornou-se caótico, porque esta variedade toda é disponibilizada sem filtros, é só entrar escolher e pegar, o produto A, B, C... Por isso, Deleuze diz que a forma da informação é sua onipotência e ineficácia na profusão incessante, pois, para organizar sentido neste “caos”, é que se inserem “atos de fala” como palavras de ordem de especialistas ou de conceitos de propaganda. Para Deleuze, “se não há degradação na informação é que a própria informação é uma degradação”, porque não se sabe da onde vem e para quem é dirigida tanta informação. Mas é nisso que consiste o golpe principal da mídia: a profusão de informação das mídias forma um “caos” de informações e as próprias mídias se encarregam de dar prolongamento e sentido ao caos, organizando controles interpretativos. As mídias geram muitas informações (onipotência), mas que tendem a anularem-se umas as outras (ineficácia), caso não sejam lançadas “palavras de ordem” que direcionam controles interpretativos destas informações. (SALVIA, 2006, p.77-78)

A criação cinematográfica e as confluências, geradas através da arte, dos pensamentos e diálogos, criam espacialidades mutantes, algo que deve ser observado. Neste sentido, podemos fazer uma reflexão, com a nossa linguagem geográfica, sobre as potências e inércias que o audiovisual suscita. As criações do cinema são máquinas agenciadoras de, e agenciadas

por, corpos sonoros, imagéticos, de afetos e de pensamentos, são multiplicidades. Temos aí um primeiro conceito articulador de nossa pesquisa.

O conceito de multiplicidade, no contexto do pensamento deleuze-guattariano, estabelece uma zona de vizinhança com outros conceitos, os quais não visam encerrar em uma definição o sentido identitário de um fenômeno, no caso o audiovisual, mas eles se atravessam e afetam outros conceitos conforme a contingencialidade do plano de referência vai sendo traçado. Talvez, um conceito que melhor expresse multiplicidade de elementos técnicos e tecnológicos que instigam a toda uma nova percepção e vivência espacial, a partir dos elementos e fenômenos comunicativos e informacionais, seja o de “rizoma”. Sobre multiplicidades e rizoma:

Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e para "voltar" no sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). (DELEUZE; GUATTARI; 2000, p.15)

Nesta multiplicidade de linhas, acontecimentos e experiências, agenciamos sentidos. Pensamos que o conceito de rizoma, articulado por Deleuze e Guattari, nos possibilita a criar ciência, não à maneira dogmática, instrumentalista, organizadora e hierarquizante, mas às maneiras que a vida exigir, vida mutante que demanda pensamento mutante sempre em deslocamento e em constante conexão com o novo. O cinema pode potencializar o pensar rizomático, um pensar não hierarquizado, mas um pensar criativo, não clichê, pensares livres. Sobre o rizoma Deleuze e Guattari argumentam:

Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. Os "Agenciamentos coletivos de enunciação funcionam, com efeito, diretamente nos agenciamentos maquínicos, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. (DELEUZE; GUATTARI; 2000, p.14)

Deleuze e Guattari articulam sua conceituação sobre o rizoma dialogando com os saberes da linguística nesta citação. Evidenciando o pensar rizomático como não linear, mas como resultante da multiplicidade que nos cerca. Dialogamos com tal conceito para pensar uma ciência que desloca suas linhas, que agencia as intensidades que o mundo emana, contradizendo às formas, normas, representações de uma ciência modeladora que exige do mundo a cópia. A arte pode potencializar a força da expansão, da criação, da mutação, em relação à contenção e reprodução dos esquemas modeladores. Arte que dissemina as multiplicidades de linhas e agenciamentos que suscitam não somente o pensamento rizomático, mas a criação imanente de vida.

O audiovisual está presente no cotidiano de nossa vida, seja quando estamos em casa ou quando saímos nas ruas, vamos aos shoppings, em algum bar com amigos etc. Ele está, em grande medida, indiretamente presente no universo escolar, por reverberar informações e imagens, sons e valores que delineiam os referenciais de localização e orientação de nossos alunos, assim como de nós professores.

As salas de aula mantêm-se como há décadas. Os métodos pedagógicos surgem como remédios para curar a ignorância estrutural. Os livros didáticos são recursos pedagógicos, mas são recortes simplificados da linguagem acadêmica. A escola reside ao mundo do audiovisual, se apega a sua tradição letrada, do poder da palavra, seja ela impressa nos manuais didáticos, escritas na lousa, ou oralmente expressa nas falas de professores e alunos. Mas os audiovisuais estão batendo na porta. Estão dobrando esse território sagrado da exclusividade da palavra. O desafio se coloca: abrir a escola para a força do audiovisual sem abrir mão do encontro com a palavra. Mais que isso, como potencializar as forças estéticas do audiovisual sem reduzi-lo a um novo recurso didático para ilustrar ou facilitar a aprendizagem determinada pela lógica da reprodução “correta” da palavra. A intenção aqui não é mostrarmos as “mazelas” do ensino, mas pensarmos possibilidades de abertura, fricção da estrutura que organiza o modelo de ensino atualizando as linhas, rasuras que se espalham na estrutura.

Esta pesquisa está integrada às pesquisas da rede *Imagens, Geografias e Educação*, que se propõe a pesquisar as linhas, potencialidades e perspectivas de interação entre as imagens, geografias, arte, e educação. A intenção da nossa pesquisa é dialogar com professores, estudantes, trabalhos científicos na área, criações cinematográficas, coordenadores, diretores, para criarmos aberturas de discussões para pensarmos a diferença na

escola, não mais a repetição, mas o novo, a criação. Nesse sentido, buscaremos compreender como o cinema é visto pelas instituições oficiais, como ele é abordado em documentos do MEC (como o PCN), documentos das secretarias (ementas oficiais das redes) e como o professor o vê e articula em suas aulas. Por último, faremos a discussão epistemológica sobre o cinema, identificando os mais utilizados em sala de aula, citando algumas criações que podem não ser muito usadas nas aulas, afim de compreender os diferentes potenciais que estas produções podem ter e como podem suscitar o pensar geográfico. A nossa perspectiva está mais no âmbito epistemológico de discutir os pontos do pensamento geográfico, buscando na filosofia, na geografia e na arte questões que possa ampliar o pensar geográfico. Desta forma evidenciando as linhas de tensões, identificações, diferenciações que a prática docente cria na utilização dos filmes, em comparação às orientações que o Estado propõe.

Conclusões

Os caminhos que a pesquisa traçou até então fez refletirmos sobre os limites que a escola, a Geografia e o saber científico se chocam nas questões que a sociedade atual suscita. Como destacamos, vivemos inseridos dentro de relações sociais mediadas por imagens, no entanto há um distanciamento das pesquisas da Geografia, do ensino escolar e em boa parte do pensamento científico em relação ao entendimento que outras linguagens (como na arte) podem contribuir para ampliarmos nosso instrumental analítico.

Entretanto observamos que a abertura para o diálogo proposto neste trabalho, e, conseqüentemente, na nossa pesquisa, está muito maior do que outrora. Isso abre caminho para que a nossa discussão possa se articular com outros trabalhos realizados ou que estão em operação, o que pode contribuir para que possamos articular outras formas de pensar a Geografia.

A articulação com as ideias de Deleuze e Guatarri sobre pensamento rizomático e sobre a multiplicidade será um dos pontos nos acompanhará nas futuras etapas da nossa pesquisa. Entendemos que o agenciamento das criações cinematográficas para pensarmos as geografias em sala de aula está relacionado com as duas ideias citadas acima, o que possibilita conexões rizomáticas não apenas com o cinema, mas abre para a habilidade de fomentar o pensamento em diversos tipos de linguagem e fenômenos. Essa abertura, rasurada através do

cinema, tem como convite suscitar no aluno a possibilidade de agenciar na multiplicidade diversos elementos que nos forcem a pensar geograficamente.

Com relação às análises fílmicas que surgirão em outras etapas da pesquisa, faremos artigos e trabalhos que poderão ser apresentados futuramente, como, por exemplo, nos próximos Seminários Internacionais da América Platina.

Esta conclusão traz alguns resultados preliminares da etapa de levantamento bibliográfico e o esquema de pesquisa que nos acompanhará nas atividades de estudo que o projeto de doutorado abarca.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.

DELEUZE, G. **O ato de criação**. Caderno MAIS!, Folha de São Paulo, 27/06/1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. Revista GEOgraphia, Niterói, ano IV, n.7, p.7-31, 2002.

GONÇALVES, C. W. **Da Geografia às Geo-Grafias - Um mundo em busca de novas territorialidades**. In: Sader, E. e Ceceña, A. E. (orgs.) *La guerra infinita: hegemonía y terror mundial*. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

SALVIA, A. L. **Introdução ao estudo dos regimes de imagens nos livros cinema de Gilles Deleuze**. Dissertação, Campinas: UNICAMP, 2006.

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

*Recebido em 05 de maio de 2017.
Aceito em 06 de junho de 2017.*